

## O Caso Blair

por Mário Soares

Pessoalmente, só lhe falei uma vez. No Congresso da Internacional Socialista, em que António Guterres foi eleito presidente e em que eu, em virtude disso, quis estar presente, na qualidade de presidente honorário da instituição.

Tony Blair é indiscutivelmente simpático, afável, bem parecido. Com duas excentricidades dignas de nota para um inglês: fala bem francês e é, ao que dizem, católico confesso.

Mas politicamente nunca me mereceu especial apreço por causa da sua famosa terceira via, na qual, como os meus eventuais leitores se lembrarão, nunca acreditei. Por outro lado, ter passado de uma "especial" amizade com Bill Clinton, para outra amizade, igualmente "especial", com Georges Bush, nos antípodas um do outro, quase sem transição, também para mim sempre foi motivo de desconfiança, visto me ter parecido uma atitude reveladora de uma grande falta de pudor político, sinal de oportunismo e de pouca firmeza de convicções.

Acompanhei de perto, desde o final da II Guerra mundial, a política trabalhista. Apesar de rendido admirador de Winston Churchill, o vencedor na guerra - que considero talvez o maior político do século XX - entusiasmei-me com a retumbante vitória do Labour e as portas que abriu para uma nova esperança para o mundo, após os anos negros da guerra, do holocausto e do horror dos campos de concentração. Clement Attlee a substituir Churchill, na Conferência de Ialta, constituiu uma lição viva de bom funcionamento da democracia, que nunca esqueci.

O Governo de Attlee, criou o Estado Providência, o Serviço Nacional de Saúde, implantado pelo ministro Aneurin Bevan e assegurou a descolonização da Índia, com ministro dos Estrangeiros Ernest Bevin, o mesmo que salvou Salazar e Franco, por medo da expansão do comunismo na Península Ibérica, um erro fatal que nos custaria mais trinta anos de ausência de liberdade... Contudo, a vitória trabalhista deu um grande impulso ao socialismo democrático, no post-guerra, do qual Harold Laski foi o grande teórico.

Mais tarde, um ou dois anos antes da Revolução dos Cravos, conheci pessoalmente Harold Wilson, quando era primeiro ministro e James Callaghan, então ministro dos Negócios Estrangeiros e depois também primeiro ministro. Ambos ajudaram Portugal, uma vez conquistada a democracia, e principalmente o último, que no chamado "verão quente" nos ofereceu um auxílio decisivo.

Com a Senhora Thatcher, que também conheci, razoavelmente bem, o trabalhismo fez a sua travessia do deserto. Até à emergência de Tony Blair com o seu "New Labour", que representou um corte com as tradições do sindicalismo britânico. Daí as expressões "New Labour" e "Terceira Via", cuja intenção era evidente: aproximar-se do neo-liberalismo, por um fenómeno para mim desagradável de mimetismo político e afastar-se do socialismo, mesmo na sua versão trabalhista, moderada e anti-comunista...

Tony Blair chegou à chefia do Labour após a morte de John Smith em 1994 que, por sua vez tinha substituído Neil Kinock, depois de uma nova derrota trabalhista.

Com o rótulo de moderado, Blair consegue abrir o caminho do poder ao Labour e chegar a primeiro ministro em 2 de Maio de 1997. Propõe-se então, no contexto internacional conservador da época - após a desintegração do universo soviético e o começo do hegemonismo americano (ainda com Clinton) - criar um novo tipo de aproximação com os Estados Unidos e impor uma certa tutela ideológica americana à União Europeia. É, nesse aspecto, em grande parte, responsável pelo facto lamentável da experiência de 11 governos socialistas em 15, na União Europeia, ter sido uma "ocasião perdida" para a consolidação do modelo social europeu.

No entanto, o declínio da sua credibilidade política - no Reino Unido, na Europa e no Mundo - tem essencialmente a ver com o seu total alinhamento com o Presidente Bush e com a política unilateral que conduziu à guerra contra o Iraque. Ficou, assim, como um dos maiores responsáveis pelo trágico imbróglgio criado no Médio Oriente e que tanto tem afectado o prestígio do Ocidente no resto do Mundo.

Tony Blair conseguiu o feito inédito de ter convencido o Povo Britânico a conceder-lhe um terceiro mandato. Mais por demérito dos conservadores do que por mérito seu. Como disse Robin Cook, seu ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, que se demitiu por discordar da política belicista de Blair: "não foi Blair, desta vez, que ganhou as eleições; mas o Partido Trabalhista, apesar de Blair"...

Com o ferrete de mentiroso, desde a "Cimeira da Mentira" realizada nos Açores, a vitória de Blair foi uma vitória muito amarga, de Pirro... O seu ministro das Finanças, Gordon Brown, poderá vir a substituí-lo, dentro de um ano, como profetizam alguns jornais ingleses. Veremos...

Quando um político, com aspirações a marcar a história com a sua acção, não tem convicções e segue os ventos oportunistas do tempo, segundo as conjunturas, fica sempre sujeito a que os eleitores descubram e, mais tarde ou mais cedo, o abandonem... Mais vale perder com honra que ganhar enganando.

Lisboa, 17 de Maio de 2005